

# DIRECIONALIDADE TEMÁTICA DAS PESQUISAS DE ENFERMAGEM NA ÁREA DA SAÚDE DA MULHER (1995-2003)<sup>1</sup>

## *THEMATIC GUIDELINES OF NURSING RESEARCH IN THE WOMEN'S HEALTH AREA (1995-2003)*

## *LA TENDENCIA TEMÁTICA DE LAS INVESTIGACIONES DE LA ENFERMERÍA EN EL ÁREA DE LA SALUD DE LA MUJER (1995-2003)*

ANA KARINA BEZERRA PINHEIRO<sup>2</sup>

MARIA DO CARMO ANDRADE DUARTE DE FARIAS<sup>3</sup>

MARTA MARIA COELHO DAMASCENO<sup>4</sup>

MARIA DE NAZARÉ OLIVEIRA FRAGA<sup>4</sup>

*Objetivou-se identificar a direcionalidade temática das pesquisas de enfermagem sobre saúde da mulher e a sua relação com a realidade de saúde das mulheres brasileiras. Foram consultados cinco periódicos de enfermagem classificados no Qualis CAPES como internacionais B e C, publicados no período de 1995 a 2003. Encontrou-se 140 artigos do tipo pesquisa que envolveram mulheres adultas e adolescentes. Observou-se que a temática mais abordada foi perfil sócio-demográfico e obstétrico/ciclo gravídico-puerperal. Outras como, doença cardiovascular, câncer cérvico-uterino e de mama, violência e AIDS precisam ser mais exploradas nas pesquisas de enfermagem, considerando a incidência e prevalência crescentes nas últimas décadas. Conclui-se que há um descompasso entre o que vem sendo pesquisado pelos enfermeiros e a realidade de saúde das mulheres brasileiras.*

**UNITERMOS:** Saúde da mulher; Pesquisa em enfermagem.

*One aimed at identifying the thematic guidelines of nursing research about women's health and their relation to the reality of Brazilian women's health. Four nursing periodicals classified in the QUALIS CAPES as B and C international, published from 1995 to 2003, were consulted; 140 research-type articles that involved adult and adolescent women were found. It was possible to remark that the theme the most broached was the demographic and obstetric profile / cycle of pregnancy and postparturition. Others like cardiovascular disease, uterine and breast cancer, violence and AIDS should be more explored in nursing research, regarding the recurrence and growing prevalence in the last decades. One concluded that there is a gap between what has been researched by nurses and the reality of the Brazilian women's health.*

**KEYWORDS:** Women's health; Nursing research.

*Se objetivó identificar la encaminamiento temático de las investigaciones de enfermería acerca de la salud de la mujer y su relación con la realidad de la salud de las mujeres brasileñas. Se consultaron cinco periódicos de enfermería señalados en el Qualis CAPES como internacionales B y C, con publicaciones en el período de 1995 a 2003. Se encontraron 140 artículos del tipo pesquisa que involucraron mujeres adultas y adolescentes. El tema más planteado fue el perfil sociodemográfico y obstétrico/ciclo gravídico-puerperal. Otras como, enfermedad cardiovascular, cáncer cervicouterino y de mama, violencia y SIDA necesitan ser más investigadas en las encuestas de enfermería, considerando la incidencia y la prevalencia creciente en las últimas décadas. Se concluye que hay un desencuentro entre la encuesta realizada por los enfermeros y la realidad de la salud de las mujeres brasileñas.*

**PALABRAS CLAVES:** Salud de la mujer; Investigación. Enfermería.

<sup>1</sup> Trabalho elaborado na disciplina Análise da Pesquisa em Enfermagem do curso de doutorado do Programa de Pós-graduação em Enfermagem da UFC.

<sup>2</sup> Doutora em Enfermagem. Docente do Departamento de Enfermagem da UFC.

<sup>3</sup> Doutora em Enfermagem. Docente do Departamento de Enfermagem da UFPB.

<sup>4</sup> Doutoradas em Enfermagem. Docentes da disciplina Análise da Pesquisa em Enfermagem.

## INTRODUÇÃO

A enfermagem, disciplina científica recente, vem desenvolvendo seu corpo próprio de conhecimentos ao longo da história e, mais intensamente, nas últimas décadas com o avanço das pesquisas científicas.

No período nightingaleano predominava o conhecimento prático e subjetivo, as habilidades individuais e as idéias pessoais. Esses fatos determinaram o caráter técnico da profissão. <sup>(1)</sup> Contudo, a organização do trabalho de enfermagem, somado com o aumento do número de pesquisas, permitiu o impulso da profissão como ciência, bem como a compreensão de como a prática está sendo desenvolvida. Verifica-se a importância das pesquisas como instrumento social a ser incorporado pelos profissionais que cuidam diretamente de seus clientes, pois através delas podemos desvendar a realidade.

É notório que a produção científica de enfermagem vem crescendo aceleradamente. A Associação Brasileira de Enfermagem tem sido um importante recurso de estímulo ao avanço científico da profissão, pois desde 1926 vem se preocupando em publicar e, conseqüentemente, em divulgar o conhecimento produzido pelos enfermeiros. Um estudo dos Anais de Enfermagem publicados entre 1946 e 1949 atesta que, à época, um pequeno grupo de enfermeiros começava a estruturar um corpo de conhecimentos baseados em procedimentos técnicos, ao mesmo tempo em que tentava organizar os primeiros eventos nacionais da profissão. <sup>(2)</sup>

A preocupação com o desenvolvimento científico e tecnológico da enfermagem se estenderia às décadas de 50 e 60, ocorrendo, em 1964, um marco importante: o XVI Congresso Brasileiro de Enfermagem com o tema central "Enfermagem e Pesquisa". Posteriormente, a produção científica teve seu incremento com a implantação, em 1972, do primeiro curso de mestrado em enfermagem na Escola Anna Nery e a diversificação dos periódicos específicos de enfermagem. Em 1981, começou a funcionar o primeiro curso de doutorado em enfermagem na Universidade de São Paulo e, durante as décadas de 80 e 90, houve a estruturação de linhas e núcleos de pesquisa.

Atualmente, percebe-se o esforço dos profissionais de enfermagem em pesquisar nas diversas áreas do conhecimento. Dentre essas se inclui a saúde da mulher, fato que

pode ser ilustrado pelas pesquisadoras que têm se destacado na área. <sup>(3, 4, 5)</sup>

Na busca de solucionar alguns problemas de saúde da mulher, o governo utilizou amplamente, no âmbito da Saúde Pública, dois programas: <sup>(6)</sup> o Programa Materno-Infantil – PMI (1975) e o Programa de Assistência Integral à Saúde da Mulher – PAISM (1985). As ações do PMI eram, exclusivamente, centradas na função reprodutiva da mulher, tendo como finalidade a assistência ao período gestacional e à criança no primeiro ano de vida. Não obstante, por volta de 1985, começou a ser discutida a necessidade de que ações preventivas para o controle do câncer cérvico-uterino fossem desenvolvidas, bem como a discussão de temas como doenças sexualmente transmissíveis (DST), corpo e comportamentos.

Assim, aumentou o interesse pela saúde da mulher nas instituições acadêmicas e nos movimentos sociais e de grupo. Isso provocou entre o Ministério da Saúde, as feministas e profissionais de saúde uma parceria que resultou no PAISM, o qual era um avanço à proposta do PMI, pois suas ações teriam o caráter de integralidade da saúde da mulher, incluindo o ciclo gravídico-puerperal, planejamento familiar, prevenção do câncer cérvico-uterino e de mama, DST, sexualidade na adolescência e a terceira idade. <sup>(7,8)</sup>

Desde então, muitos movimentos (Rede Feminina da Saúde e Direitos Reprodutivos, Grupo de Estudos Mulher e Saúde) dentre outros, têm sido articulados para que o direito à saúde da mulher seja de fato efetivado em toda a rede de serviços de saúde, como prioridade política.

Os programas do governo e os movimentos referidos parecem ter despertado os enfermeiros para a necessidade de desenvolver estudos com ênfase na saúde da mulher pois, nos eventos da enfermagem, tem-se observado um grande número de trabalhos apresentados sobre o assunto entre pesquisas, relatos de experiências, ensaios e reflexões.

A importância de analisar o conhecimento produzido nas diversas áreas da enfermagem vem sendo constantemente reiterada pelos que compõem a profissão. É por esse caminho que se pode constatar, dentre outros, se os saberes produzidos estão atendendo as necessidades de saúde das populações as quais se destinam as nossas ações.

Porém, no presente estudo, o interesse recai nas pesquisas sobre a saúde da mulher, mais precisamente, na identificação da direcionalidade temática e sua relação com a realidade de saúde das mulheres brasileiras.

### TRILHA METODOLÓGICA

Para analisar tal relação, elaborou-se um estudo de caráter exploratório-descritivo, cujas fontes de dados foram os periódicos nacionais de enfermagem (Revista Brasileira de Enfermagem, Revista Latino-americana de Enfermagem, Revista Gaúcha de Enfermagem, Revista Texto & Contexto Enfermagem e Revista da Escola de Enfermagem da USP), publicados entre 1995 e 2003. A escolha foi determinada por alguns critérios: serem periódicos exclusivos da enfermagem, classificados no Qualis CAPES/2000 como internacionais B e C garantindo, portanto, a qualidade das publicações, a periodicidade e a regularidade e ainda, serem de fácil acesso. Levou-se em conta o prazo estipulado para realizar o estudo (setembro a dezembro de 2003), o que impediu uma busca nos demais periódicos específicos da enfermagem. O recorte no tempo foi demarcado considerando as mudanças nos quadros social, econômico e sanitário ocorridas no Brasil nos últimos anos.

Do material disponível, foram selecionados 140 artigos do tipo pesquisa de cuja leitura foi extraída a direcionalidade temática. Vale salientar que nesse total estão incluídas tanto as que abrangeram mulheres em idade adulta como adolescentes.

Os resultados estão apresentados em tabela, tendo sido analisados com base em dados epidemiológicos, programas nacionais de saúde direcionados às mulheres e na literatura pertinente.

### A SAÚDE DA MULHER E A PESQUISA DE ENFERMAGEM NO BRASIL (1995-2003)

A Tabela 1 mostra que o maior número de trabalhos no período pesquisado versou sobre o perfil sócio-demográfico e obstétrico/ciclo gravídico puerperal (32,83%) seguindo-se de (12,23%), para câncer cérvico-uterino e de mama, 8,57% para ser mãe, 6,42% para mulher e AIDS e 5,71% para aleitamento materno. Considerando os últimos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Es-

tatística (IBGE), as principais causas de óbito em mulheres foram as doenças do aparelho circulatório (120.254 óbitos), as neoplasias (49.969 óbitos) e as doenças do aparelho respiratório (36.799 óbitos).<sup>(9)</sup> Apesar do número significativo de óbitos relativos às doenças do aparelho circulatório, encontrou-se apenas uma pesquisa que abordou essa temática.

Dentre as neoplasias que acometem as mulheres, o câncer de mama foi o que mais contribuiu para os óbitos. Com a evolução crescente do número de casos da doença, várias campanhas educativas sobre a detecção precoce do câncer de mama surgiram a partir dos anos 40. O câncer passou a ser uma doença explorada nos meios de comunicação, sendo considerada como curável, se diagnosticada precocemente e tratada adequadamente.<sup>(10)</sup>

A campanha com o tema *O Câncer de Mama no Alvo da Moda*, lançada no Brasil em 1995 pelo Instituto Brasileiro de Controle do Câncer (IBCC), foi autorizada pela Confederação Americana. Nessa oportunidade, pessoas vinculadas à moda, artistas e modelos trabalharam com o objetivo de conscientizar as mulheres para a prevenção.

No ano seguinte, aconteceu a segunda fase da campanha, com o tema *Quem tem Peito Participa*, na qual várias personalidades relacionadas ao esporte, jornalismo, televisão, música e teatro participaram voluntariamente. A partir daí, campanhas anuais sobre a prevenção do câncer de mama vêm sendo amplamente veiculadas nas mídias, movimentando um grande número de profissionais de saúde, de mulheres acometidas pela doença e de atrizes famosas.

Entretanto, a enfermagem pouco publicou sobre o assunto no período estudado, gerando uma lacuna entre as pesquisas que focalizam meios de informar a população sobre os sinais de alerta, comportamentos de risco e frequência na rotina de prevenção e o que está sendo priorizado pelo Ministério da Saúde no que diz respeito à atenção à mulher. Dos artigos analisados, somente 17 (12,23%), estão relacionados ao câncer cérvico-uterino ou de mama. Verifica-se que essa temática deveria ser muito mais explorada nos periódicos mencionados, visto que o câncer de mama é responsável por 15% e o de colo uterino, por 8% dos óbitos ocorridos no sexo feminino.<sup>(11)</sup>

Ainda no que diz respeito às neoplasias, o câncer do colo de útero é o segundo mais comum na população feminina, só superado pelo de mama. Dados estatísticos mos-

tram que a taxa de incidência de casos novos de câncer de colo por todo o país é elevada (20,48/100.000 habitantes), porém varia conforme a região geográfica.<sup>(11)</sup> Essas diferenças são atribuídas ao estilo de vida, ao comportamento sexual e as medidas de saúde pública adotadas.

Impulsionado pelas estatísticas, o presidente da república assinou, em 1996, um protocolo de intenções, propondo o desenvolvimento de uma ação nacional configurada na Campanha Nacional de Combate ao Câncer de Colo Uterino.<sup>(12)</sup>

Em 1998, o Ministério da Saúde definiu um mecanismo de incentivo a realização do exame de prevenção do câncer cérvico-uterino, sendo garantido pronto atendimento ambulatorial a todas as mulheres que procuravam os serviços de saúde para tal procedimento.<sup>(11)</sup> No entanto, nesse mesmo período, pouco se publicou sobre prevenção nos periódicos estudados, pois os artigos analisados abordaram aspectos relacionados ao tratamento do câncer, e não à sua prevenção.

Outra causa importante de óbito entre as mulheres brasileiras são as doenças do aparelho respiratório, com 36.799 óbitos seguida das patologias endócrinas, nutricionais e metabólicas com 20.700 óbitos.<sup>(9)</sup> Porém, no material analisado, nenhuma pesquisa de enfermagem foi publicada de modo a considerar tais temas.

Além das citadas anteriormente, os fatores externos também estão em lugar de destaque no que diz respeito a causa *mortis* feminina.<sup>(9)</sup> Sabe-se também que, atualmente, ainda existem relações significativamente desiguais entre os sexos, gerando sérios problemas, dentre eles a violência contra a mulher.

As marcas desse acontecimento vão além dos sintomas físicos ou psicológicos, repercutindo na economia dos países. No mundo, um em cada cinco dias de falta no trabalho é resultante de violência sofrida por mulheres em suas casas. Se a mulher sofre violência doméstica, a cada cinco anos, ela perde um ano de vida saudável. Os custos são equivalentes a 14,2% do PIB, o que representa 168 bilhões gastos com a saúde física, emocional, assistência jurídica, dentre outros.<sup>(13)</sup>

A violência, em particular o estupro, é muito comum entre as meninas, adolescentes e mulheres brasileiras, sendo na maior parte das vezes praticada por parentes ou pessoas próximas, tornando o crime mais difícil de ser denuncia-

do.<sup>(14)</sup> Com vistas a efetiva integração de diversos setores, tais com saúde, segurança, justiça e trabalho, é que o Ministério da Saúde se preocupou em implantar, em 1999, medidas a serem adotadas em todo o território nacional. A oferta dos serviços de atendimento à mulheres que sofreram violência sexual, permite que as mesmas tenham acesso imediato à prevenção de doenças sexualmente transmissíveis e gravidez indesejada, como também apoio psicológico e social.<sup>(14)</sup>

Porém, a implementação desse atendimento deve ser acompanhada de um processo de discussão e estudos que possam contribuir para conferir uma maior visibilidade ao problema, permitindo a implantação de estratégias mais abrangentes. Apesar da violência contra a mulher ser cada vez mais freqüente, constatou-se, no estudo, que somente 2(1,42%) entre os artigos analisados, evidenciou essa problemática.

Acredita-se que a quantidade de pesquisas sobre o perfil sócio-demográfico e obstétrico/ciclo gravídico-puerperal está relacionada ao fato de ser essa, uma fase em que as mulheres procuram assistência de enfermagem de forma mais efetiva, sendo também um momento oportuno para que a enfermeira realize intervenções terapêuticas, preventivas e educativas. A expansão dos estudos nessa temática é de fundamental importância, visto que conforme os últimos dados do IBGE, ainda morreram no Brasil 1994 mulheres decorrentes de complicações da gravidez, parto e puerpério, o que caracteriza a mortalidade materna. É importante também destacar que do total dessa causa de morte, 87,91% ocorreram na faixa etária entre 15 a 39 anos, período em que as mulheres se encontram com sua maior capacidade produtiva.<sup>(9)</sup>

Outro dado que chama a atenção é a publicação de somente 2 (1,42%) trabalhos acerca da mortalidade materna. Apesar dos países em desenvolvimento, dentre eles o Brasil, contarem com tecnologia, programas e recursos humanos para assistir as mulheres, ainda hoje, muitas perdem suas vidas durante a gravidez, parto e puerpério, fato comprovado pelos dados do IBGE.<sup>(9)</sup>

A Organização Mundial da Saúde (OMS) estima 500.000 mortes maternas por ano, sendo 98% em países em desenvolvimento. No Brasil, a estimativa é de 3.000 mortes anuais, equivalente a um coeficiente de 27,62 por 100.000 mulheres, com variações regionais e locais.<sup>(15)</sup> No

entanto, muitos óbitos maternos brasileiros não são notificados pelos médicos. Assim, as estatísticas não refletem a realidade brasileira, daí a importância de que pesquisas sejam feitas acerca dessa temática, na tentativa de revelar os óbitos maternos, bem como as suas causas.

No Brasil, no período de 1990 a 2000 o número de casos de AIDS entre as mulheres cresceu 413%. Estimativa de 1998 apontava a existência de 204.000 mulheres infectadas pelo HIV. Considerando mulheres menores de 15 e maiores de 50 anos, estima-se a existência de cerca de 240.000 mulheres, vivendo com HIV ou com AIDS no país. Vale ressaltar que as mulheres de mais de 49 anos representam hoje cerca de 7% das mulheres vivendo com Aids, percentual que tem aumentado progressivamente durante esses vinte anos de epidemia. Ainda, estima-se em 0,4% a prevalência do HIV em gestantes em todo o país. Do começo da epidemia até o final do ano 2000, haviam sido notificados 5.736 casos de crianças que adquiriram o vírus através da mãe, durante a gravidez, o parto ou a amamentação.<sup>16</sup> Portanto, os indicadores epidemiológicos revelam a "feminilização" da AIDS e em contrapartida o número de pesquisas publicadas pelas enfermeiras 9 (6,42%), é insignificante.

Observa-se que o quantitativo de publicações cresceu a cada ano, porém ainda de forma incipiente. O número de trabalhos relacionados à saúde da mulher publicados nos periódicos consultados ainda é insuficiente, visto que em 1995, o Governo Federal comprometeu-se durante a VI Conferência Mundial sobre a Mulher, realizada na China, melhorar a qualidade de vida da mulher no país. Por sua vez, sabe-se que as ações governamentais para elevar a qualidade de vida da mulher só terão êxito se houver participação da sociedade e realização de pesquisas na área com o objetivo de subsidiar discussões relacionadas ao tema.

Constatou-se também que 12 (8,57%) pesquisas enfocaram a temática ser-mãe, retratando o existir da mulher, suas expectativas e sentimentos. Consideram-se importantes os estudos centralizados no aspecto existencial das mulheres, e não apenas no aspecto biológico, já que os estudos existenciais possibilitam penetrar no mundo vivido, ou seja, compreender o sentido dos pensamentos, sentimentos, percepções e comportamentos do ser humano.<sup>17</sup>

Apesar das profundas mudanças sociais e econômicas que a mulher vem sofrendo nas últimas décadas, apenas 6 (4,28%) trabalhos publicados evidenciaram a relação

entre a mulher e a sociedade. Mesmo assim, se considera que houve um crescimento das pesquisas com esse enfoque o que deve ter acontecido pela incorporação da mulher ao mercado de trabalho e evolução da emancipação feminina, rompendo com o modelo conservador e autoritário masculino.

A identidade da mulher foi sendo historicamente construída em torno do casamento, da maternidade e da vida doméstica. Entretanto, os papéis sociais das mulheres vão muito mais além da procriação, visto que incluem criar os filhos, cuidar e alimentar a família, educar, cuidar dos doentes, carregar água, cultivar alimentos, oferecer abrigo, segurança e outras responsabilidades afins.<sup>18</sup>

Contudo, no que diz respeito às relações de gênero, somente 2 (1,42%) dos artigos focalizaram essa temática. Os modos de ser e interagir entre homens e mulheres ainda são assuntos pouco explorados nas pesquisas de enfermagem. Urge que os enfermeiros se aprofundem nesse contexto, visto ser a enfermagem uma profissão eminentemente feminina e permeada de preconceitos, estereótipos e modelos de papéis transmitidos ao longo dos anos. As relações sociais que dividem os sexos, propiciam diferentes oportunidades para homens e mulheres, limitando a autonomia feminina, suas atividades econômicas e o acesso ao poder político. Deve-se realizar a análise de gênero, pois é através dela que tornamos visíveis as relações entre tarefas de produção e reprodução.<sup>18</sup>

O Planejamento Familiar é um direito assegurado pelo Programa de Assistência Integral à Saúde da Mulher (PAISM), como atividade complementar às ações de saúde destinadas à mulher, sem qualquer caráter coercitivo, mas prioritariamente educativo, devendo integralizar os esforços para a redução da mortalidade materna.<sup>7, 19</sup> Não obstante a importância dessa temática, apenas 2 (1,42%) dos trabalhos foram publicados no período estudado. Como a enfermeira é integrante da equipe que desenvolve esse Programa, é importante que pesquisas sobre o Planejamento Familiar sejam publicadas, envolvendo, sobretudo, o seu desenvolvimento e eficácia, bem como a atuação da enfermeira.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo mostrou que enquanto as mulheres brasileiras estão morrendo por doenças do aparelho circulató-

rio, câncer de colo e mama ou são vítimas de epidemias como a Aids e a violência sexual, as pesquisas de enfermagem, envolvendo àquela clientela não vêm sendo realizadas de modo a considerar as suas necessidades de saúde. Embora haja um número significativo de pesquisas na área da saúde da mulher apresentadas nos eventos, apenas 140 foram publicadas nos periódicos de enfermagem consultados.

A quase totalidade dos autores (69,92%) são docentes de instituições de ensino superior e 31,52%, doutores, o que denuncia o distanciamento da academia no que toca aos problemas sociais e de saúde que vêm afligindo as mulheres.

O foco central da maioria das pesquisas sobre a saúde da mulher foi o ciclo gravídico-puerperal, fato que retrata uma tímida aproximação com acontecimentos ainda presentes na vida das mulheres, ou seja, a morte decorrente de complicações da gravidez, parto e puerpério. Assim, acredita-se que contribuem para a melhor compreensão do fenômeno, bem como auxiliam o enfermeiro no planejamento e implementação de cuidados junto a mulher que vivencia esse período.

As temáticas: doença cardiovascular, câncer cérvico-uterino e de mama, violência e AIDS deveriam ser mais exploradas em pesquisas de enfermagem, a fim de subsidiarem programas de saúde pública, bem como nortear o cuidado. Outros problemas que atingem as mulheres como, depressão, tensão pré-menstrual, climatério, prostituição etc, não se constituem prioridades de pesquisa

Assim, é mister que os enfermeiros reflitam sobre as pesquisas que estão sendo desenvolvidas, pois as mesmas não podem estar desvinculadas da realidade prática. Repensar a pesquisa significa, também, considerar a sua aplicação e a utilização dos resultados na prática, de forma a qualificá-la e transformá-la.<sup>(20)</sup>

A saúde da mulher é uma área interdisciplinar e, por isso se considera a possibilidade de encontrar pesquisas de enfermagem publicadas em outros periódicos específicos da área. É preciso também levar em conta as pesquisas que foram divulgadas através de livros, as que ainda não foram publicadas, bem como as que podem ter sido enviadas para publicação e não foram aceitas. Dessa forma, sugere-se que o presente estudo seja aprofundado através de busca junto a periódicos específicos da área e outros periódicos de enfermagem.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Carvalho EC, Rossi IA. Modelos, estruturas e teorias de enfermagem: aplicação do processo de enfermagem. In: Garcia TR, Pagliuca LMF. A construção do conhecimento em enfermagem: coletânea de trabalhos. Fortaleza: RENE, 1998. P. 65-85.
2. Silva DMG. et al. A produção de conhecimento em enfermagem nos grupos de pesquisa da UFSC. *Texto & Contexto Enfermagem*, 1996; 5:189-214.
3. Silva IA. Reflexões sobre a prática do aleitamento materno. *Rev Escola Enfermagem USP* 1996;30 (1):58-72.
4. Diniz NMF. O Programa de Assistência Integral à Saúde da Mulher – enfoque sistêmico da sua organização e desenvolvimento numa unidade básica de saúde. [tese]. São Paulo(SP): Escola Paulista de Medicina, 1993.
5. Marcon SS. Vivenciando a gravidez: processos e sub-processos de uma teoria fundamentada nos dados. *Rev Latinoam Enfermagem* 1995;3(2):165-79.
6. Ferreira SL. A mulher e os serviços públicos de saúde. In: Almeida MCP, Rocha SMM. O trabalho de enfermagem. São Paulo: Cortez; 1997. p. 175-227.
7. Ministério da Saúde(BR). Centro de Documentação. Assistência integral à saúde da mulher: bases de ação programática. Brasília, 1985. p. 27.
8. Ministério da Saúde(BR). Secretaria Nacional de Assistência Médica. Coordenação de Proteção Materno-Infantil. Programa de Saúde Materno-Infantil: bases programáticas, Brasília, 1975. p. 96.
9. IBGE. Anuário estatístico do Brasil 2000. Rio de Janeiro[200?] p. 1-1-8-26.
10. Sant'ana DB. A mulher e o câncer na história. In: Gimenes MG. A mulher e o câncer. São Paulo: Psy; 1977. p. 325.
11. Instituto Nacional do Câncer(BR). Coordenação dos Programas de Controle do Câncer/ Pro-Onco. Estimativas da incidência e mortalidade por câncer no Brasil para 2000. Brasília: 2000.
12. Rezende MDS. Avaliação da campanha de prevenção de câncer de colo uterino, no Estado do Ceará e a par-